

Controvérsia sobre indicação de Lagos Lidimo para comandante do novo Exército Unificado

Sé Jb
21/2/94

Diplomatas ocidentais não estão satisfeitos com o nome indicado pelo novo Governo para o comando do novo Exército, mas a Renamo não tem «nenhum comentário contrário», disse o líder do movimento, Afonso Dhlakama.

O chefe da RNM reagia a informações veiculadas pelo Jornal «Notícias» de que ele teria agido junto dos embaixadores ocidentais no sentido de estes pressionarem o Governo para substituir o tenente-general Lagos Lidimo no comando superior do novo Exército único e partidário.

Lidimo é, juntamente com o tenente-general Mateus Ngonhamo, indicado pela Renamo, um dos dois comandantes superiores do novo Exército.

«Não temos nenhum comentário contrário em relação ao Lagos Lidimo», disse Dhlakama. «Não sei onde é que essa pessoa foi buscar a informação», acrescentou o líder da Renamo referindo-se ao artigo do «Notícias».

Indicou contudo «ter conhecimento de que há comentários não positivos de diplomatas», quanto à escolha de Lagos Lidimo.

«Os diplomatas pensam que ele é um duro», declarou Dhlakama.

Fontes próximas confirmaram que a designação de Lagos Lidimo para o cargo de comandante superior do novo Exército

«causou um certo mal-estar» entre os países observadores do processo de paz.

«Certamente que haveria pessoas melhores para o cargo», comentou uma das fontes diplomáticas, enquanto outra sublinhava que Lidimo representa «uma tendência radical dentro das Forças Armadas» governamentais.

O oficial indigitado pelo Governo tem atrás de si a fama de ter sido um comandante militar implacável durante a guerra civil que se travou em Moçambique durante 16 anos.

Lidimo, que no seu currículo tem uma passagem pela inteligência militar, é de etnia maconde como o actual ministro da Defesa moçambicano, Alberto Chipande.

Observadores políticos em Maputo têm entretanto manifestado pontos de vista divergentes na agremiação do comportamento de Mateus Ngonhamo.

O militar da Renamo tem-se desdobrado nos últimos dias em declarações denunciando o treino secreto de homens por responsáveis da Frelimo e de esconderijos de armas do Governo, fazendo ainda duras críticas às Nações Unidas por não vir a público condenar o Governo.

Alguns observadores consideram haver incompatibilidade entre a função de Ngonhamo como represen-

tante da Renamo na Comissão Conjunta para a Formação das Forças Armadas de Defesa de Moçambique e de comandante superior do novo Exército, «apolítico» e «apartidário» nos termos do Acordo de Paz.

Mas outros consideram que essa separação só seria possível num quadro ideal, que nada tem a ver com o processo de paz moçambicano, havendo mesmo vantagens nessa acumulação.

O presidente da Comissão de Cessar-Fogo (CCF), coronel Pier Segala, disse entretanto que uma equipa se deslocou a Nampula para investigar as alegações de Ngonhamo de que a Frelimo está a treinar secretamente mil homens numa base junto da capital provincial.

Segala acrescentou que o relatório da equipa estava a ser por ele estudado.

O coronel italiano recusou-se a comentar a afirmação feita em Nampula por Ngonhamo de que a equipa de investigação da CCF tinha concluído pela veracidade da sua denúncia.

Numa conferência de imprensa naquela cidade, Ngonhamo acusou o primeiro secretário provincial da Frelimo, Eduardo Nihia, de estar também a dar treino a 350 polícias das forças anti-motim.